

O Rio de Janeiro voltará a ser lindo

Paulo Rabello de Castro*

Publicado no Jornal O GLOBO, em 10.01.2005.

Só pode haver uma explicação, além da muda docilidade do bicho, pela notável empatia da capivara da Lagoa com o público do Rio de Janeiro: é que somos todos capivaras!

Queremos paz, queremos uma praia qualquer, ainda que seja um alagado ou uma ponta de restinga, mas que seja a nossa praia! Queremos estar no nosso cantos, livres do desassossego e da violência, curtir manhãs e contemplar tardes, como as muitas que a nossa tímida capivara deve ter usufruído na sua camuflada boca do Rio dos Macacos.

Nós, cariocas, somos como capivaras atormentadas pela perseguição constante dos caçadores. Querem nos comer, acabar com a nossa raça. Mas é preciso reagir e só por isso a capivara do verão virou emblema de cada cidadão do Rio de Janeiro: nadar é preciso, sair da toca e enfrentar o mar e os homens, lutar mesmo que seja para perder, autodeterminar a vida, ainda que para não viver.

A capivara deu o sinal, da reação não violenta, do protesto mudo mas audível, de absoluta e decisiva inconformidade do povo desta cidade com as três décadas de retrocesso a que tem sido submetida.

Outras cidades, de outros bichos e de outras gentes, também passaram pelo mesmo purgatório e encontraram seu caminho. Nova York é um exemplo recente: em 1970 estava jogada aos bandidos do andar de cima e aos malfeitores do andar de baixo.

A comunidade reagiu; certamente algum esquilo do Central Park deu o sinal da luta. Dali para frente removeram-se bairros inteiros, degradados, renegociou-se uma das mais altas dívidas públicas *per capita*, limpavam as ruas e desalojou-se a supremacia do banditismo. Com isso, voltou a prosperidade; a cidade ficou tão bem que virou de novo o destino preferido de imigrantes do mundo inteiro, à busca de uma oportunidade de trabalho.

Temos o mesmo sonho para os capivaras do Rio. Um Rio sem igual, exótico como sempre foi, bom de se viver, especial para quem o visita e vem morar aqui.

Mas nada disso é de graça. Que o diga a nossa mascote: para viver é preciso, primeiro, tentar sobreviver, ousando o lance nunca antes tentado, nadar para outras praias, pensando o que não foi pensado.

O Rio deve ser do Rio, apenas para si, de modo a resgatar-se para todos, brasileiros e estrangeiros, fluminenses e mineiros, capixabas e gaúchos, paulistas, nortistas e nordestinos de todos os lugares. O Rio para o Rio é a cidade-estado a ser refundada dentro dos próximos vinte e quatro meses, com o apoio maciço, calmo, arrojado, de todos os cariocas e fluminenses. O Rio cidade-estado será um dínamo de progresso para todos os municípios limítrofes do Estado do Rio. O Rio, ele mesmo - dotado de autonomia política, sede de ciência e artes, capital de eventos e audiovisual, distrito financeiro especial - trará de volta tudo de bom que a nossa memória sobrevivente ainda persegue e todo o futuro que nossa visão de sonho já esboça.

Um Rio de Janeiro onde até os homicidas sabem preservar a capivara é muito melhor do que pensa a mediocridade dos outros. O Rio cidade-estado voltará a ser lindo.

***Paulo Rabello de Castro** é economista.

